

O método de Marx e o método de ensino da pedagogia histórico-crítica: um diálogo crítico

Paulo Sergio Tumolo

Resumo


O artigo sugere que seria possível encontrar em Marx dois métodos de investigação: o método da crítica da Economia Política e o método de Marx. O primeiro foi apresentado em forma de rascunho no texto O método da Economia Política, e foi efetivamente realizado em O Capital, e o segundo foi exposto resumidamente no Prefácio de Para a crítica da Economia Política, e realizado parcialmente durante toda a vida de produção teórica do autor. Entretanto, o texto mostra que, na realidade, não são dois métodos, mas apenas um, que é o método de Marx, uma vez que o método da crítica da Economia Política é o método de apreensão da base material da forma social do capital, e, por isso, parte inseparável daquele. Em seguida, estabelece um diálogo crítico com o método de ensino da Pedagogia Histórico-Crítica e finaliza com algumas considerações sobre o significado político do método marxiano.

Palavras-chave: Método de Marx. Método da crítica da Economia Política. Método da Economia Política. Pedagogia Histórico-Crítica. Método de ensino.

Paulo Sergio Tumolo

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

E-mail: paulotumolo57@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-9362-5530>

Recebido em: 18/05/2019

Aprovado em: 11/06/2020



<http://www.perspectiva.ufsc.br>

 <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2020.e65251>

Abstract**Marx's Method and the Teaching Method of the Historical-Critical Pedagogy: A critical dialog****Keywords:**

Marx's method.
Method of critique
of political
economy. Method
of Political
Economy. Histori-
cal-Critical
Pedagogy.
Teaching Method.

The article suggests that it would be possible to find in Marx two methods of investigation: the method of critique of political economy and Marx's method. The former was presented in draft form in the text *The Method of Political Economy*, and developed in *The Capital*, and the latter was briefly presented in the preface of *A Contribution to the Critique of Political Economy*, and partially developed during the life of theory production of the author. However, the text shows that in reality, they are not two methods, but only one, which is Marx's method, since the method of critique of political economy is the method of apprehending the material basis of the social form of the capital and, thus, an inseparable part of it. Next, it establishes a critical dialog with the teaching method of Historical-Critical Pedagogy and concludes with some remarks on the political meaning of the Marxian method.

Resumen**El método de Marx y el método de enseñanza de la Pedagogía Histórico-Crítica: un diálogo crítico****Palabras clave:**

Método de Marx.
Método de la
crítica de la
economía política.
Método de la
economía política.
Pedagogía
Histórico-Crítica.
Método de
enseñanza.

El artículo sugiere que sería posible encontrar en Marx dos métodos de investigación: el método de la crítica de la economía política y el método de Marx. El primero fue presentado en forma de borrador en el texto *El método de la economía política* y efectivamente se llevó a cabo en *El Capital*, y el segundo fue expuesto brevemente en el Prólogo de *Para la crítica de la economía política*, y realizado parcialmente a lo largo de la vida de producción teórica del autor. Sin embargo, el texto muestra que, en realidad, no existen dos métodos, pero sólo uno, que es el método de Marx, puesto que el método de la crítica de la economía política es el método de comprensión de la base material de la forma social del capital y, por tanto, parte inseparable de él. A continuación, establece un diálogo crítico con el método de enseñanza de la Pedagogía Histórico-Crítica y concluye con algunas consideraciones sobre el significado político del método de Marx.

Introdução

O método de Marx, um tema de difícil compreensão, tem sido deveras discutido no âmbito da seara marxista. Como se sabe, Marx não nos legou um tratado sistemático a esse respeito, mas, ao contrário, nos deixou poucos escritos que tratam especificamente dessa matéria. Entre eles, seu texto intitulado *O método da Economia Política* (MARX, 1974a), de 1857, é o que se destaca e que tem sido largamente difundido e estudado até a atualidade. Esse texto adquiriu uma indiscutível importância entre autores marxistas de várias áreas do conhecimento, e, inclusive, serviu como fundamento para a elaboração do método de ensino proposto por Dermeval Saviani, que poderia ser considerado o *coração* de sua Pedagogia Histórico-Crítica, expresso por sua formulação “da síntese à síntese pela mediação da análise”, desdobrada nos cinco passos sugeridos por ele e expostos em seu mais conhecido livro, intitulado *Escola e democracia* (SAVIANI, 1986).

Sendo assim, o presente artigo pretende fazer uma análise do método de Marx com base em seus principais textos para, em seguida, estabelecer um diálogo crítico com o método de ensino da Pedagogia Histórico-Crítica e finalizar com algumas considerações sobre o significado político do método marxiano.

O método da crítica da Economia Política

Em seu texto *O método da Economia Política* (MARX, 1974a), Marx apresenta dois métodos, a saber, o método da Economia Política e seu método – o qual, para distinguir do primeiro, chamarei de *método da crítica da Economia Política* – e busca fazer um cotejamento e, dessa forma, uma diferenciação entre ambos. Com o intuito de realizar essa tarefa, a partir do estudo de dado país, ele considera adequado começar pelo real e pelo concreto, ou seja, pela população, já que ela é a base e o sujeito do ato social de produção como um todo; e, em seguida, explica que para entendê-la é necessário fazer uma série de abstrações. Resumidamente, ele sugere que esse tem sido o caminho feito pela Economia Política, quer dizer, ela parte da população, e, em sua análise, consegue descobrir certo número de relações gerais abstratas, mas se perde nelas, e, por isso, não consegue atingir sua apreensão. Sendo assim, como contraponto, ele apresenta seu método. Deve-se partir da população, fazer as abstrações necessárias e, principalmente, encontrar as devidas determinações até chegar à determinação mais simples. Essa determinação mais simples é a mercadoria, mas isso ainda não estava claro para ele quando escreveu *O método da Economia Política* (MARX, 1974a), e só ficará evidente no *Para a crítica da Economia Política* (MARX, 1974c), de 1859, e no livro primeiro de *O Capital* (MARX, 1983), publicado em 1867. Chegado a essa determinação mais simples, é necessário fazer o caminho de volta, ou seja, da mercadoria à população. Portanto, seu método é constituído por dois caminhos: o de ida, que tem semelhanças parciais com o da Economia Política, que vai do que ele denomina de “concreto idealizado” – a população – à

determinação mais simples, e o de volta, que vai da determinação mais simples – a mercadoria – à população, agora reproduzida e entendida como “concreto pensado”.

Há dois segredos na construção desse duplo caminho. Primeiramente foi necessário localizar, com precisão, o ponto final do primeiro caminho, o ponto em que se faz uma curva de cento e oitenta graus para que se possa dar início à viagem de volta, na direção inversa, sem o qual o primeiro caminho segue interminável e isso não conduz ao “concreto pensado”. Esse ponto é a mercadoria. O segundo segredo é que as abstrações feitas a partir do “concreto idealizado” tiveram como finalidade última tecer o *encadeamento* das determinações e, portanto, das categorias, sem o qual as abstrações se esvairiam em uma capilaridade praticamente infundável de caminhos difusos e desconexos, ou seja, em “uma representação caótica do todo”, o que inviabilizaria a identificação da determinação mais simples e, conseqüentemente, o início da viagem de volta e a chegada “ao concreto pensado”.

Marx gastou muito tempo de estudo para conseguir desvendar tal encadeamento, que poderia ser apresentado, muito resumidamente, assim: não é possível compreender a população que produz sua existência no capitalismo se não se entendem as classes sociais que o compõe; não se pode captar as classes sociais se não se compreende o capital; o capital só pode ser apreendido se se conhece a relação de exploração especificamente capitalista; esta é incompreensível se não se entende a mais-valia, cujo entendimento exige a compreensão do dinheiro e do valor, que por sua vez pressupõe a apreensão da... mercadoria.

Deve-se partir da população, e uma vez descoberto o encadeamento das determinações em seu complexo conjunto chega-se à determinação mais simples, a mercadoria. Esse ponto de chegada se converte no ponto de partida do segundo caminho, inverso em relação ao primeiro. Agora é necessário fazer uma análise minuciosa de cada uma das categorias em seu encadeamento de determinações. Resumidamente: mercadoria [valor de uso, trabalho concreto, valor de troca, valor, trabalho abstrato, equivalente geral, etc.] – dinheiro – dinheiro como meio de circulação – dinheiro como capital – mais-valias absoluta e relativa e sua combinação – reprodução simples e ampliada de capital – a lei geral da acumulação capitalista e suas contradições – classes sociais – população. Marx começou a apresentar textualmente esse segundo caminho de forma mais clara pela primeira vez no *Para a crítica da Economia Política* (MARX, 1974c), de 1859, mas essa tarefa foi interrompida logo no começo principalmente por causa de uma enfermidade. Ele retoma seu trabalho de exposição de todo seu percurso em *O Capital* (MARX, 1983), e consegue terminar e publicar o livro primeiro. Um estudo atento deste livro demonstra todo o arco do segundo caminho de seu *método da crítica da Economia Política*. O autor começa pela mercadoria, faz todo o trajeto analítico do encadeamento das categorias e, portanto, das determinações e, somente ao final, retoma o tema da população no capítulo XXIII, para poder apreendê-la no seio das relações de contradição entre a lei geral da acumulação capitalista e a lei populacional. Ele precisou de vinte e três capítulos, ou seja, de centenas

de páginas tratando de categorias altamente complexas, para conseguir percorrer o segundo caminho de seu método e, dessa maneira, compreender a população.

Recapitulando. O *método da crítica da Economia Política* é composto por dois caminhos. O primeiro, que tem como ponto de partida a população, faz o percurso das múltiplas determinações e, sobretudo, de seu encadeamento *de frente para trás*, até chegar à determinação mais simples, a mercadoria. O ponto de chegada do primeiro itinerário se transforma no ponto de partida do segundo caminho, o da volta e na direção inversa, que vai da mercadoria, reconstrói e detalha analiticamente todo o encadeamento das categorias e, portanto, das determinações, ou seja, *de trás para frente*, até chegar de novo à população. A diferença é que, no ponto de partida original, no plano do “concreto idealizado”, e mesmo depois de feitas várias abstrações sem o devido encadeamento, o entendimento a respeito da população expressaria “uma representação caótica do todo”, e no ponto de chegada do segundo caminho a apreensão acerca da população seria dentro de uma “rica totalidade de determinações e relações diversas”. Nesse patamar, a *população é apreendida como elemento da totalidade do capital e de suas contradições*.

A Economia Política teria partido do *concreto aparente* – a população – e desfiado muitas abstrações, mas como não conseguiu descobrir o encadeamento das determinações e, por conseguinte, a determinação mais simples, não pôde realizar o segundo caminho e chegar ao *concreto pensado*. Dessa forma, no método da Economia Política, “a representação plena volatiliza-se em determinações abstratas” (MARX, 1974a, p. 122), mas, diferentemente, no *método da crítica da Economia Política*, “as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento” (MARX, 1974a, p. 122). Sobre isso, Marx afirma que

o concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também, da intuição e da representação (MARX, 1974a, p. 122).

Ao se contrapor à posição idealista de Hegel, Marx (1974a, p. 123) complementa sua argumentação dizendo que “[...] o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto *não é senão a maneira de proceder do pensamento* para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado. Mas este não é *de modo nenhum* o processo da gênese do próprio concreto” (MARX, 1974a, p. 123 - grifos do autor), já que não foi o pensamento que o originou.

Caberia aqui uma enormidade de observações, mas me restringirei a destacar duas que me parecem imprescindíveis.

Primeiramente deve-se notar que, para Marx, a totalidade não é uma mera junção das partes, como se fosse um jogo de quebra-cabeça, mesmo se essas partes tratarem de temas como exploração, classes sociais, movimentos sociais, etc., uma vez que o que caracteriza a totalidade não é meramente o conteúdo teórico-

político das *partes*. Nem se trata de buscar compreender a *árvore no conjunto da floresta*, e tampouco significa algo parecido com uma visão macroscópica ou a partir do ponto mais alto de um *mirante teórico*.

A apreensão da totalidade, como representação da materialidade e como “síntese de muitas determinações”, só pode ser alcançada no patamar do concreto pensado, ou seja, do capital; e este, por sua vez, só pode ser compreendido pela realização mesma do método, o que pressupõe considerar as múltiplas determinações e, principalmente, o encadeamento delas, a partir da determinação mais simples, que é a mercadoria. Efetivamente, a apreensão da população historicamente determinada pela forma capitalista exige, resumidamente, a compreensão da mercadoria, do valor, do dinheiro, da força de trabalho como mercadoria, da mais-valia, da reprodução do capital e da lei geral da acumulação capitalista e suas contradições. Ou seja, a apreensão da população em sua totalidade histórica só pode ser atingida percorrendo exatamente o mesmo caminho traçado por Marx em vinte e três capítulos do primeiro livro de *O Capital*. Na verdade, a compreensão da população como “síntese de muitas determinações” a qual Marx conseguiu chegar no capítulo XXIII do livro primeiro de *O Capital* é, a rigor, de uma síntese ainda provisória, ou, se se quiser, de um “concreto pensado” provisório, uma vez que a apreensão do capital no primeiro livro é ainda parcial. Isso significa que, de fato, a compreensão da população exige perfazer, pelo menos, o trajeto realizado por Marx em toda a obra *O Capital*.

Por outro lado, cabe sublinhar que, depois de Marx, não é mais necessário refazer o primeiro caminho do *método da crítica da Economia Política* – aquele em que partiu da população e precisou descobrir as múltiplas determinações e seu encadeamento até chegar à mercadoria –, uma vez que ele já cumpriu essa tarefa. Agora, basta trilhar o segundo caminho, da mercadoria ao capital, que já foi pavimentado por sua obra principal. Em outras palavras, basta estudar *O Capital* de Marx, e se apropriar de seu conteúdo e de seu método, uma vez que ele se identifica, ou, como queira, ele é a própria realização do segundo caminho.

Como segunda observação é preciso enfatizar que o *método da crítica da Economia Política* de Marx não se confunde com uma formulação geral de método científico a partir da era moderna, que poderia ser entendida como as regras básicas de um conjunto de procedimentos que parte da realidade aparente, faz observações sistemáticas e controladas, submete-as a análises calçadas em uma determinada teoria, para chegar ao conhecimento científico do objeto estudado. Ele é o método científico *da crítica da Economia Política* em diferenciação ao método da Economia Política. Sendo assim, ele se restringe, como método, a objetos de investigação referentes ao capital e seu modo de produção, o que significa dizer que apresenta limites, ou é inadequado, para estudos de formas históricas não capitalistas. Ademais, ele não poderia ser considerado como método de investigação para as ciências da natureza. Parece-me que não tem sentido estudar a composição físico-química de uma rocha ou o movimento dos planetas do sistema solar com base no caminho que vai da mercadoria ao capital e suas contradições. Além disso, os objetos de investigação da *crítica da Economia Política* de Marx – a mercadoria, o valor, o dinheiro, a mais-valia, a relação de

produção capitalista, etc., ou seja, sinteticamente falando, o capital – expressam a dialética justamente porque são históricos. Ora, a natureza não faz história porque, sobretudo, não faz revolução¹, que é a realização, por excelência, da dialética do real social, e, sendo assim, se se poderia falar supostamente de uma dialética da natureza, ela não é e não pode ser histórica. Portanto, se o *método da crítica da Economia Política* é concernente a objetos de investigação histórico-dialéticos, ele não pode servir como método de pesquisa de objetos que não são históricos. Por esse motivo, fenômenos ou processos naturais, ou melhor, não históricos, não servem como exemplo didático para explicar o *método da crítica da Economia Política*.

O método de Marx

A análise feita anteriormente, entretanto, é insuficiente para a compreensão do método de Marx por completo. O *método da crítica da Economia Política* é o método referente a seus estudos no campo da Economia Política, mas, como se sabe, seu itinerário investigativo não começou com o estudo dessa matéria, e sim muito antes. Isso indica que o *método da crítica da Economia Política* seria apenas parte de todo o caminho de pesquisa do autor. Sendo assim, sugiro que, nele, poderiam ser encontrados, por assim dizer, dois métodos: o *método da crítica da Economia Política* e o *método de Marx*. Para entender melhor essa hipótese que estou levantando, é necessário fazer uma breve contextualização de sua produção teórica.

Em 1849, depois de ser perseguido e expulso de alguns países, e enfrentando graves problemas financeiros, Marx vai viver em Londres. Em 1851 ele consegue retomar seus estudos na área da Economia Política, trabalhando na biblioteca do Museu Britânico, que se intensificaram sobremaneira em 1857. Nesse período, ele produziu e juntou uma impressionante quantidade de material, com o objetivo de sistematizar os resultados de suas pesquisas e que serviria de esboço para o posterior texto que seria escrito com o propósito de ser publicado. No final de agosto e início de setembro de 1857 ele escreveu uma *Introdução* – provavelmente com a intenção de aproveitá-la para o texto a ser publicado – que contém quatro itens, sendo que o terceiro deles se intitula *O método da Economia Política*. Neste terceiro item, o autor apresenta seu *método da crítica da Economia Política*, em oposição ao de seus interlocutores, que foi alvo de apreciação nas páginas anteriores e que serviu de fundamento para o método de ensino proposto por Dermeval Saviani, tal como reivindica fortemente o próprio autor (cf. SAVIANI, 1986).

Contudo, após redigir essa *Introdução*, Marx seguiu com suas investigações durante o restante de 1857 e no transcorrer de 1858, cujo resultado, em parte, foi a produção do manuscrito denominado posteriormente de *Grundrisse*. No período final da produção desses rascunhos, entre agosto de 1858 e janeiro de 1859, o autor redigiu um texto com o objetivo de ser publicado sob o título de *Para a crítica da*

¹ Por isso, apenas o ser social pode fazer história. Dessa forma, uma pretensa “história da natureza” se diferencia, fundamentalmente, da história do ser social.

Economia Política. O livro, que era para ser o primeiro de uma série que foi interrompida por problemas de saúde do autor, veio à luz em junho de 1859.

Apenas para esclarecimento do leitor, é necessário sublinhar que os *Grundrisse* não foram produzidos com a finalidade de publicação, mas sim como material de estudo de Marx e como base para a elaboração dos textos posteriores que receberiam o tratamento necessário para publicação, que se materializaram no primeiro caderno do *Para a crítica da Economia Política*. Os esboços produzidos pelo autor foram descobertos a partir do começo do século XX e foram publicados em conjunto em 1939, em Moscou, sob o título, dado pelos editores, de *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie* [Esboços da Crítica da Economia Política].

Para a publicação do *Para a crítica da Economia Política*, que, de fato, foi realizada por Marx em 1859, o autor escreveu um *Prefácio* em janeiro deste mesmo ano. Em seu primeiro parágrafo, ele apresenta a ordem em que considera o sistema da economia burguesa. No segundo parágrafo, ele faz as seguintes afirmações:

Suprimo uma introdução geral que havia esboçado, pois, graças a uma reflexão mais atenta, parece-me que toda antecipação perturbaria os resultados ainda por provar, e o leitor que se dispuser a seguir-me terá que se decidir a ascender do particular para o geral. Por outro lado, poderão aparecer aqui algumas indicações sobre o curso dos meus próprios estudos político-econômicos (MARX, 1974b, p. 134).

Via de regra, este parágrafo passa meio despercebido para os leitores, mas ele é de cabal importância, pois é a chave de compreensão de vários aspectos cruciais no itinerário teórico de Marx. A primeira questão que se impõe é: que introdução é esta que foi suprimida? É justamente aquela que ele escreveu no fim de agosto e início de setembro de 1857, e que contém o texto *O método da Economia Política*. Ela foi escrita como introdução aos *Grundrisse* e não ao *Para a crítica da Economia Política*. Quando Marx foi publicar este último decidiu não trazer a público aquela *Introdução* e, portanto, *O método da Economia Política*. Por que tomou essa decisão? Ele mesmo explica: “[...] graças a uma reflexão mais atenta, parece-me que toda antecipação perturbaria os resultados ainda por provar, e o leitor que se dispuser a seguir-me terá que se decidir a ascender do particular para o geral” (MARX, 1974b, p. 134).

Cerca de um ano e meio separa a redação daquela *Introdução* e, assim, de *O método da Economia Política*, da escrita do *Prefácio* de *Para a crítica da Economia Política*. Nesse intervalo de tempo, por causa da concentração e intensidade de seu trabalho, Marx deu saltos significativos em sua compreensão acerca do conteúdo da matéria que estava pesquisando e de sua própria trajetória investigativa. Em *O método da Economia Política* (MARX, 1974a), de 1857, Marx buscou explicitar e explicar seu método, em diferenciação ao método da Economia Política. No *Prefácio* de *Para a crítica da Economia Política* ele não se pôs a essa tarefa. Ao contrário, ele afirma que “[...] o leitor que se dispuser a seguir-me terá que se decidir a ascender do particular para o geral” (MARX, 1974b, p. 134). Isso significa dizer que Marx chegou

à conclusão de que a apreensão de seu método só pode ser feita pela realização mesma do caminho que ele fez do particular para o geral, ou se se quiser, da determinação mais simples, que é a mercadoria para o que constitui o universal historicamente produzido, o capital. Em outras palavras, a apreensão do método *não* pode ser realizada *a priori*, mas, ao contrário, só pode ser feita depois de realizado o caminho, ou seja, *a posteriori*.

Parece-me que a explanação e os argumentos apresentados anteriormente sobre o *método da crítica da Economia Política* demonstram que Marx tinha razão. A enorme dificuldade de apreender as categorias de altíssima complexidade e, principalmente, de alinhar as múltiplas determinações e seu encadeamento, bem como de descobrir a determinação mais simples e, dessa forma, traçar os dois caminhos, comprovam que o *método da crítica da Economia Política* de Marx não pode ser apreendido *a priori*.

Além disso, é preciso considerar que Marx só pôde se apropriar de seu método, ter plena consciência de suas especificidades e de suas diferenciações em relação ao método da Economia Política, em 1859, após realizá-lo. O estudo, mesmo que cuidadoso, do texto *O método da Economia Política* se mostra, portanto, insuficiente para a apreensão do *método*. Tal apreensão só pode ser conseguida depois de um longo, exaustivo e profundo exercício de estudo de *O Capital*, porque ele é a realização do *método da crítica da Economia Política* de Marx, quer dizer, ela só pode ser alcançada *a posteriori*. Assim, estaríamos seguindo seu conselho e sua diretriz: apreender o *método* perfazendo com ele o caminho que vai do particular, a mercadoria, para o universal que é o capital².

Por outro lado, continua o autor no *Prefácio*, “[...] poderão aparecer aqui algumas indicações sobre o curso dos meus próprios estudos político-econômicos” (MARX, 1974b, p. 134). De fato, nos parágrafos seguintes, Marx indica o curso, ou seja, o método de suas investigações. Ele narra que, no início, o objeto de seus estudos especializados era a jurisprudência, à qual se dedicava como disciplina complementar da Filosofia e da História. Em 1842 e 1843, quando era redator do jornal *Gazeta Renana*, encontrou-se pela primeira vez na obrigação embaraçosa de tomar parte nas discussões sobre os chamados interesses materiais. As questões sobre os roubos de lenha e a divisão da propriedade imobiliária, a situação dos camponeses do vale do Mosela e os debates sobre o livre-câmbio e o protecionismo, forneceram-lhe as primeiras razões para que se ocupasse das questões econômicas. Além disso, a partir das discussões sobre o socialismo francês, ele relata as razões que levaram ao fechamento do jornal, o que o obrigou a deixar o cenário público e a retirar-se para o gabinete de estudos.

O primeiro trabalho que Marx empreendeu para esclarecer as dúvidas que o assediavam foi uma revisão crítica da Filosofia do Direito de Hegel, cuja introdução foi publicada em 1844. Suas pesquisas o

² Isso não significa dizer que o texto *O método da Economia Política* seja dispensável. Entretanto, a apreensão do *método da crítica da Economia Política* exige, primeiro, o estudo de *O Capital*, para depois poder se debruçar sobre *O método da Economia Política*. O estudo deste, portanto, deve ser feito *a posteriori*, considerando seus limites e apenas como forma de sistematização da compreensão do *método*, que já foi apreendido anteriormente.

levaram à conclusão de que as relações jurídicas, assim como as formas de Estado, não podem ser compreendidas por si mesmas, nem pela dita evolução geral do espírito humano, mas, pelo contrário, elas se enraízam nas relações materiais de vida, cuja totalidade foi resumida por Hegel sob o nome de “sociedade civil”, e que, por causa disso, a anatomia da sociedade civil deve ser procurada na Economia Política. Foi por essa razão que Marx, a partir de 1844, passou a se dedicar exaustivamente ao estudo da Economia Política, o que o conduziu à seguinte conclusão:

O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de fio condutor aos meus estudos, pode ser formulado em poucas palavras: na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que nada mais é do que a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais aquelas até então se tinham movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações se transformam em seus grilhões. Sobrevém, então, uma época de revolução social (MARX, 1974b, p. 135-6).

Todo esse relato, feito por Marx no *Prefácio*, tem uma importância ímpar, por várias razões. Nele, o autor apresenta todo seu itinerário investigativo, quer dizer, seu método por inteiro, e não apenas o método referente a seus estudos da Economia Política.

O ponto de partida do *método de Marx* não foi a população, nem o dinheiro e tampouco a mercadoria, e sim temas relacionados à Filosofia e, sobretudo, ao Direito, com destaque para o Estado. Seu trabalho na *Gazeta Renana*, principalmente a reportagem e o estudo que teve de fazer sobre o problema do chamado “roubo de lenha” foi um dos principais fatores que influenciaram sua compreensão sobre a relação entre o direito à propriedade e os interesses econômicos³. Marx foi tendo cada vez mais clareza de que o Direito e, portanto, o Estado não eram os demiurgos da história, mas, ao contrário, estavam determinados pelos interesses econômicos, o que o impeliu a fazer a crítica da Filosofia do Direito de Hegel.

Dessa forma, ele foi demarcando e fortalecendo sua concepção materialista. Contrariamente ao que advogava Hegel, Marx argumenta que se são as relações sociais de produção da vida que determinam o Direito e o Estado, assim como também todos os outros complexos sociais, quer dizer, se “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 1974b, p. 136), então a compreensão do Direito, do Estado, da consciência social e

³ Chamou-me a atenção o fato de que, no filme *O Jovem Karl Marx* (2017), o diretor Raoul Peck tenha decidido fazer a cena inicial mostrando a cruel repressão feita contra os camponeses que estavam colhendo galhos secos do solo para usarem como lenha para se aquecer, que os proprietários queriam considerar como *roubo*. Isso foi decisivo na trajetória teórico-política de Marx.

de todo o restante, exige a apreensão das relações sociais de produção que se estabelecem no capitalismo, que eram objeto de estudo da Economia Política. “A anatomia da sociedade civil deve ser procurada na Economia Política” (MARX, 1974b, p. 135), sentenciou. Portanto, ele foi à Economia Política por causa da afirmação de sua posição materialista⁴ e só confirmou essa posição ao mergulhar nela e construir uma sólida crítica a ela até o fim de sua vida.

Após demarcar sua posição materialista, em oposição a Hegel, Marx iniciou seus estudos da Economia Política em 1844 e sua primeira produção a esse respeito foram os chamados *Manuscritos econômico-filosóficos*, um conjunto de cadernos que eram material de estudo e não foram escritos para serem publicados. A partir de 1844 ele foi traçando seu caminho de investigação sobre a referida matéria e somente em 1859 conseguiu ter total clareza a respeito desse itinerário e também das diferenças entre o método da Economia Política e o dele. Durante esse período ele foi construindo um universo categorial, a partir da contribuição da Economia Política, buscando traçar as conexões e determinações das categorias, ou seja, seu encadeamento, que encontra seu ponto culminante em *O capital*.

Pode-se constatar, então, que o primeiro movimento do *método de Marx* vai do Direito à Economia Política e, conseqüentemente, à sua crítica; ou seja, seu primeiro grande passo foi a realização necessária da afirmação de sua posição materialista. Uma vez que penetrou no campo da Economia Política, ele vai descortinando seus limites e insuficiências e, por isso, começa a elaborar uma rigorosa crítica, a partir do exercício de um método distinto do método dela.

Como vimos, o *método da crítica da Economia Política* é composto por dois caminhos, aquele que vai do “concreto idealizado” à mercadoria, e aquele que vai da mercadoria ao “concreto pensado”, que não é outra coisa senão o plano de representação, no pensamento, da totalidade do capital. Não obstante, o objetivo último de Marx não era parar por aqui, mas sim voltar aos temas do Direito para poder, dessa forma, apreendê-los em sua totalidade, vale dizer, como elementos históricos constitutivos da totalidade do capital.

Portanto, parece que seria possível encontrar no autor alemão dois métodos de investigação: o *método da crítica da Economia Política de Marx* e o *método de Marx*. O primeiro foi apresentado por ele, inacabado e em forma de rascunho, no texto *O método da Economia Política* e foi efetivamente realizado em *O Capital*, enquanto o segundo foi exposto, de maneira resumida e sistematizada, no *Prefácio de Para a crítica da Economia Política* e realizado parcialmente durante toda a vida de produção teórica do autor. Contudo, na realidade não são dois métodos, mas apenas um, que é o *método de Marx*, uma vez que o *método da crítica da Economia Política* é o método de apreensão da base material da forma social do capital, e, por isso, *parte inseparável e ineliminável* daquele.

⁴ Deve ser considerada a grande influência que exerceu sobre Marx a investigação feita por Engels sobre a situação da classe trabalhadora na Inglaterra, que depois foi publicada em livro, e também, segundo Marx, seu “[...] genial esboço de uma crítica das categorias econômicas” (MARX, 1974b, p. 136), publicado nos Anais franco-alemães.

Sendo assim, poderíamos traçar, resumidamente, toda a envergadura do *método de Marx*, que seria composto, por assim dizer, de quatro caminhos, de tal maneira que os dois movimentos do meio correspondem ao *método da crítica da Economia Política*. O primeiro, que vai do Direito à Economia Política, que é o passo da demarcação da posição materialista; o segundo, que vai do “concreto idealizado” à mercadoria; o terceiro, que vai da mercadoria ao capital; e o quarto, que vai do capital ao Direito. O *método de Marx*, ou *método materialista histórico*, se expressa neste desenho completo por causa de seu posicionamento materialista, quer dizer, porque é a base material, ou se se quiser, a forma histórica na qual os homens produzem sua existência, denominada de estrutura econômica, que determina o Direito e, portanto, o Estado, que formam o que chamou de superestrutura jurídica e política.

O exercício do *método de Marx* depois que ele ofereceu sua contribuição escrita e sistematizada dispensa, como vimos, o segundo caminho⁵, uma vez que ele já descobriu o encadeamento das determinações que vai do “concreto idealizado” à mercadoria. O método teria, então, três movimentos: o primeiro, que vai do Direito, que, agora, poderia ocupar o posto de “concreto idealizado” no plano da superestrutura, para a Economia Política e sua crítica; o segundo, que vai da mercadoria ao capital, no patamar da base material, ou da estrutura; e o terceiro, que vai do capital para o Direito, ou seja, de volta à superestrutura.

Entretanto, como evidenciado anteriormente, o segundo caminho desta última formulação também já foi realizado, em grande medida, por Marx e está sistematizado em *O Capital*. Por isso, não é necessário fazer a mesma pesquisa novamente; basta estudar e se apropriar do universo categorial e, por conseguinte, do caminho tecido por ele em sua obra magna. Sendo assim, o exercício do *método de Marx*, depois dele, se faria em três movimentos: o primeiro, que parte do Direito e vai até *O Capital*; o segundo, que é o estudo de *O Capital*; e o terceiro, que vai d’ *O Capital* de volta para o Direito.

Os temas relacionados ao direito eram aqueles que mereceram a atenção de Marx no início de seus estudos e, por isso, o Direito apareceu nas formulações de método apresentadas anteriormente. Entretanto, podemos tomar outro tema para o exercício do método, como por exemplo, a educação ou a escola na sociabilidade do capital – em qualquer uma de suas particulares formações sócio-históricas e em qualquer período histórico capitalista –, que seria feito nos mesmos três movimentos: o primeiro, que vai da escola até *O Capital*, já que, parafraseando Marx, poderíamos dizer que “a anatomia da escola deve ser procurada em *O Capital*”, o segundo, que é o estudo de *O Capital*, e o terceiro, que vai d’ *O Capital* de volta para a escola. Se for possível lançar mão, neste exemplo, dos conceitos utilizados pelo autor em seu texto *O método da Economia Política*, então a escola apareceria no ponto de partida como “concreto idealizado”;

⁵ Trata-se do segundo caminho do *método de Marx*, que corresponde ao primeiro caminho do *método da crítica da Economia Política*.

ou seja, o entendimento a seu respeito expressaria uma “representação caótica do todo”, mas no ponto de chegada sua compreensão seria dentro de uma “rica totalidade de determinações e relações diversas”.

A educação e a escola determinadas historicamente pela forma social do capital só podem ser apreendidas no plano do “concreto pensado”, quer dizer, como “síntese de muitas determinações” por meio do efetivo exercício do *método de Marx*, que exige, pelo menos, duas condições: o primeiro grande passo, que é a afirmação da posição materialista, indo da educação e da escola – ou de temas concernentes a elas – para *O Capital*, e o estudo sistemático e aprofundado desta obra de Marx. A partir daí criam-se as condições fundamentais para a exploração investigativa de características peculiares de objetos de pesquisa específicos da área das ciências da humanidade, como, por exemplo, uma determinada rede escolar pública no Brasil no início do século XXI.

Neste momento, parece-me indispensável fazer alguns esclarecimentos. Primeiramente, é preciso lembrar que quando Marx menciona a *ascensão do particular para o geral* ou *universal*⁶, ele o fez no *Prefácio de Para a crítica da Economia Política* (cf. MARX, 1974b, p. 134), e o caminho que pretendeu fazer neste último texto, concluído em *O Capital*, foi o da ascensão da *mercadoria* para o *capital*, que era a viagem de retorno, depois do giro. Portanto, pode-se concluir que, para o autor, o *particular* é a *mercadoria* e o *universal* é o *capital*.

Em segundo lugar, cabe esclarecer que nem todo objeto de pesquisa exigiria, para sua apreensão, o exercício do método marxiano. Por exemplo, se um investigador almeja compreender como uma criança se apropria de conceitos espontâneos e científicos, que é uma das condições para sua formação humana, parece-me que o método de Marx se mostra inadequado, já que a investigação desse tema não demandaria a análise da *base material do sistema do capital*. Ou seja, ele não precisaria fazer o itinerário do particular – a mercadoria – para o universal – o capital –, passando pelo valor, pelo dinheiro, pela força de trabalho como mercadoria e seu valor, pelas mais-valia absoluta e relativa e sua combinação, pelas leis de acumulação de capital e suas contradições, etc. Evidentemente, uma pesquisa como aquela exigiria algum método científico, mas o método marxiano seria inapropriado.

Diferentemente, se um pesquisador intenta apreender a natureza histórica do humano que se forma na sociabilidade do capital, então o exercício do método de Marx seria imprescindível. Contudo, essa imposição é concernente apenas àqueles que se reivindicam marxistas, já que a escolha do método de pesquisa, entre tantos, é uma decisão do investigador e, embora haja razões de ordem teórico-epistemológica, em última instância tal escolha é resultado de uma opção política. Um pesquisador poderia se alçar a eleger o método de Marx apenas se tiver uma posição radicalmente anticapitalista e, por isso, se ele se põe numa perspectiva revolucionária. Sendo assim, se um investigador marxista deseja apreender qual é a natureza histórica do humano que é formado no interior do sistema do capital, tem de lançar mão

⁶ As diferentes traduções do texto para o português usam os vocábulos “geral” ou “universal”.

do método de Marx, realizar o primeiro grande movimento, o da demarcação materialista – uma vez que é a base material capitalista que determina a formação do humano e sua natureza histórica, e não o contrário –, em seguida apropriar-se do conteúdo teórico-político de *O Capital*, para, finalmente, voltar à formação do humano e sua natureza histórica, compreendidas, agora, no plano da totalidade, como síntese de múltiplas determinações. Realizado o exercício do método, o resultado poderia ser explanado, resumidamente, como se segue.

Indivíduos humanos que nascem e produzem suas vidas na forma social do capital estão, inicialmente, agrupados em proprietários e não proprietários de meios de produção. Os primeiros se dividem em proprietários capitalistas de meios de produção, que são os que constituem a classe capitalista, e aqueles que, embora sejam proprietários de meios de produção, não são capitalistas. O segundo grupo de indivíduos é formado por aqueles que, não sendo proprietários de meios de produção, não têm outra opção para produzir suas vidas senão vendendo a única mercadoria que lhes resta, que é sua força de trabalho. Estão divididos em dois subgrupos: aqueles que vendem a força de trabalho para a classe capitalista, estabelecem com ela a relação de produção e exploração especificamente capitalista, e, por isso, se constituem como classe proletária, e aqueles que vendem sua força de trabalho para compradores não capitalistas.

Neste quadro, bastante genérico e impreciso, tomemos dois exemplos: um capitalista e um proletário, como personificações individualizadas das duas classes sociais fundamentais da sociabilidade do capital. Por que um capitalista é um capitalista e um proletário é um proletário? Poder-se-ia começar a tentar responder a esta importante indagação a partir de outras perguntas. Por causa de suas *formações humanas* diferentes? Porque o primeiro foi formado como um humano capitalista, com base em uma educação capitalista, e o segundo foi formado como um humano proletário, com base em uma educação para trabalhadores? Porque existiria uma dualidade nos sistemas de ensino que refletiria a dualidade das classes sociais, ou seja, um estudou em escolas de *elite*⁷, pretensamente *capitalistas*, até chegar ao doutorado na universidade mais *elitizada*, e o outro estudou em escolas profissionalizantes destinadas aos trabalhadores e teve um acesso muito precário ao conhecimento? Para um pesquisador que se pauta por uma concepção idealista, provavelmente a resposta a essas últimas perguntas seria positiva. Porém, um investigador que se reivindeque marxista, ao exercitar o método de Marx, cujo primeiro movimento é o da demarcação materialista, seguramente terá uma compreensão radicalmente diferente. Um indivíduo humano capitalista é capitalista porque é proprietário de meios de produção, compra a força de trabalho de indivíduos humanos proletários e os explora na medida em que produzem mais-valia, que será acumulada por ele na forma de capital. Um indivíduo humano proletário é proletário porque, para produzir sua vida, e estando privado de qualquer meio de produção, vende sua força de trabalho para indivíduos humanos capitalistas, é explorado ao produzir mais-valia, que será acumulada pelo capitalista, gerando um movimento incessante e insaciável

⁷ Uso este termo de forma irônica, porque ele não expressa um conceito teórico dentro do conjunto categorial marxiano.

de valorização do valor, que é o capital. Isso não tem qualquer relação com o tipo de formação humana que eles tiveram, quais escolas frequentaram, qual a qualidade da educação escolar que tiveram, se foi uma educação profissionalizante ou não, e nem qual foi o grau de escolaridade a que chegaram. Se um indivíduo teve uma formação humana limitada, passou por uma precária educação escolar profissionalizante e, no limite, é semianalfabeto, mas é proprietário de meios de produção, compra a força de trabalho de proletários, os explora e acumula capital, será um humano capitalista enquanto permanecer nessa condição. Se, ao contrário, um indivíduo teve uma formação humana extraordinária, passou por uma excelente educação escolar, inclusive em escolas de *elite*, teve uma formação crítica ao longo de sua vida e conseguiu chegar ao doutorado em uma universidade mundialmente conceituada, mas está desprovido de qualquer meio de produção e, por isso, terá de vender sua força de trabalho, e o faz para um capitalista, será explorado, produzirá capital, e, dessa forma, será um humano proletário enquanto permanecer nessa condição. Mesmo que tenha tido acesso a um conhecimento profundamente crítico, que lhe permita compreender a relação de exploração na qual está submetido, isso não altera em nada sua condição; ou seja, para produzir sua vida ele precisará continuar vendendo sua força de trabalho, sendo explorado e produzindo capital, quer dizer, continuará sendo proletário. O que os constituiu como um humano proletário, de um lado, e um humano capitalista, de outro, não foi o processo de formação humana de cada um deles. Ambos são do gênero humano e, portanto, igualmente humanos, mas, contraditoriamente, são radicalmente diferentes, ou melhor, se construíram como humanos numa condição histórica antagônica, não por causa dos distintos caminhos que trilharam em sua formação humana, e sim porque se produziram como humanos nas condições determinadas pela sociabilidade do capital.

Portanto, se é verdade que a educação, *lato sensu*, é o que propicia a formação humana, não é ela – e tampouco a escola – que determina a natureza histórica do indivíduo que é formado como humano, mas sim a base material na qual esse humano produz sua existência. Se se trata de um modo de produção capitalista, então a formação do humano e sua natureza histórica estão determinadas pelo capital. No fundo, não haveria necessidade de se falar de formação do humano e de sua natureza histórica, uma vez que todo humano e toda formação humana têm uma natureza histórica e, portanto, são determinados historicamente. Um pesquisador só poderia chegar a essas compreensões, no plano da totalidade, pelo exercício do método de Marx. Ele teria de percorrer o longo e espinhoso caminho entre um *concreto* e outro *concreto*, quer dizer, o itinerário teórico que vai do “concreto idealizado” para o “concreto pensado”, cuja mediação é *O Capital*.⁸

Feitos os devidos esclarecimentos, uma importante conclusão que se pode extrair, com base no que foi exposto anteriormente, é a de que *O Capital* de Marx é parte inseparável e ineliminável de seu método. *O método de Marx* pressupõe, necessariamente, *O Capital*; mais que isso, ele está *fundido* no método. Não

⁸ Da mesma maneira deveria proceder se o tema eleito para ser estudado fosse o *trabalho*. Se um pesquisador marxista quisesse apreender o trabalho na forma social capitalista tem que realizar o mesmo caminho, do “concreto idealizado” para o “concreto pensado”, pela mediação de *O Capital*.

é possível a realização do exercício do método sem a devida apropriação de *O Capital*. Por isso, se o método tem um caráter universal, *O Capital* também o tem, ou seja, ambos são imprescindíveis para a apreensão de temas que tenham um caráter histórico referentes a qualquer formação particular capitalista de qualquer época.

É preciso enfatizar que, em *O Capital*, Marx não fez um estudo de uma determinada fase capitalista ou de uma formação sócio-histórica específica, como, por exemplo, da Inglaterra do século XIX. Seu objeto de investigação foi o *capital* e não um determinado capitalismo de um determinado período porque ele pretendia, nesta obra, dissecar e desvendar as leis gerais que regem o movimento contraditório do capital, quer dizer, a *universalidade do capital*.⁹

Na verdade, não seria necessário falar dos dois, mas apenas do método, uma vez que *O Capital* está fundido no método e é a realização do exercício de parte dele. Se se considera que *O Capital* é um texto que apresenta uma análise particular circunscrita à época de Marx, que só tem validade explicativa para aquele período histórico, ou seja, se não se vai a ele e, mais que isso, se não se busca apreender e incorporar as categorias ali presentes (mercadoria, valor de uso, valor de troca, valor, trabalho concreto, trabalho abstrato, dinheiro, força de trabalho como mercadoria, valor da força de trabalho, mais-valias absoluta e relativa e sua combinação, trabalho produtivo de capital, as leis gerais de acumulação de capital e suas contradições, classes sociais, etc. – numa palavra, capital) bem como seu método, que expressa o encadeamento das múltiplas determinações, então o primeiro passo necessário, o da demarcação da posição materialista, não será dado ou ficará atravancado, o que significa dizer que o exercício do *método de Marx* estará morto ou prejudicado em sua origem.

Portanto, o descarte de *O Capital* como fundamento para a apreensão de qualquer formação sócio-histórica particular do capitalismo de qualquer época, e de temas que se refiram a isso, significa, necessariamente, o descarte do *método de Marx*, ou *método materialista histórico*. Sendo assim, a compreensão de tais objetos de pesquisa ficaria num plano idealista ou, ainda que seja derivada de uma inflexão materialista, ficaria no patamar do “concreto idealizado”, ou expressaria uma “representação caótica do todo”, mesmo que tal compreensão tenha sido resultado de muitas abstrações, que esteja saturada de pretensos conceitos marxistas, tais como mais-valia, classes sociais, revolução, capital, etc., que tratem

⁹ Essa compreensão está longe de ser consensual no âmbito do marxismo. Apenas para citar um exemplo, toda construção teórica de Mézáros, um dos mais importantes e influentes marxistas do século XX e do início do século XXI, tem como pressuposto que *O Capital* de Marx está circunscrito ao que ele considera como fase incipiente do capitalismo, e só tem validade explicativa para esse período. Por isso, o autor húngaro se pôs à tarefa de buscar apreender o capitalismo em sua fase madura – que, para ele ocorre a partir da segunda metade do século XX – e, por conseguinte, de escrever “O capital” concernente a essa fase. Praticamente toda sua produção teórica tem esse propósito, com destaque para sua principal obra *Para além do capital. Rumo a uma teoria da transição* (MÉSZÁROS, 2002). Segundo o próprio autor, o título expressa, entre outras coisas, a ideia de que para ir além do capital, como forma de sociabilidade, é necessário ir para além de *O Capital* de Marx e, por isso, coerentemente com essa posição, ele o dispensa, ou melhor, faz uma apropriação criativa de algumas categorias tomadas do autor alemão, ressignificando-as e adequando-as a seu próprio universo categorial, que é totalmente distinto do de Marx em sua obra capital. Contudo, isso só aparece aqui como exemplo, já que, dentro dos limites deste texto, seria impossível dar a essa discussão o tratamento que ela merece, o que exigiria uma profunda e exaustiva análise desse magistral autor.

de temas como exploração, movimentos sociais, dominação, destruição do meio ambiente, gênero, etnia, LGBTI+, etc., e mesmo que os autores se reivindicuem marxistas.

Por fim, restam duas considerações importantes. Primeiramente, deve-se ressaltar que, durante o exercício do método para apreender seu objeto de investigação em sua completude, a sociedade do capital, Marx operou, no plano do pensamento, com a lógica dialética, que tem um caráter abrangente e diz respeito a qualquer forma social e não apenas à do capital. Portanto, essa lógica e suas categorias são o *modus operandi* do pensamento no exercício do método, e não o método.

Em segundo lugar, é preciso sublinhar que o que Marx pretendeu com a execução de seu método foi a apreensão da universalidade do ser do capital e, por isso, as categorias que constituem essa universalidade têm validade explicativa enquanto existir a forma social do capital. Não obstante, essa contribuição do autor é insuficiente para a análise de qualquer particularidade do sistema capitalista; mas é, ao mesmo tempo, imprescindível. Por exemplo, um estudo da configuração do capitalismo no início século XXI exige um percurso analítico para além daquele traçado por Marx, mas impescinde da apropriação daquele universo categorial. Isso significa ir *com* Marx para *além* de Marx.¹⁰

O método de ensino da Pedagogia Histórico-Crítica e o método de Marx

Em seu livro, Wihby (2019)¹¹ faz um estudo aprofundado do método de ensino da Pedagogia Histórico-Crítica, partindo de seu principal formulador, Dermeval Saviani, e ela identifica que este autor apresenta pela primeira vez, por escrito, o esboço do que ele denominou de *método dialético* em um texto do final da década de 1960, intitulado *Esboço de formulação de uma ideologia educacional para o Brasil* (SAVIANI, 2011). Segundo Saviani, este texto representou a primeira tentativa de construção de uma teoria dialética da educação, com destaque para a questão da passagem *da síntese à síntese pela mediação da análise*, que se tornará o núcleo central de sua concepção de método, desdobrado em quatro passos da reflexão filosófica: ação-reflexão-ideologia-ação. Para o autor, se tratava de um método de pesquisa, mas poderia servir também para o ensino. É preciso sublinhar que, nessa ocasião, Saviani não tinha nenhum vínculo com o marxismo, mas, diferentemente, se pautava por uma abordagem fenomenológica, de acordo com sua própria declaração (cf. SAVIANI, 2011).

¹⁰ Como vimos, o *método materialista histórico* é um método de investigação específico da forma social do capital. Não obstante, ele poderia, hipoteticamente, adquirir um caráter mais universal e servir como método de estudo de outras formas de sociabilidade, desde que o método de apreensão da base material especificamente capitalista, que é o *método da crítica da Economia Política*, seja substituído por um adequado método de pesquisa da base material da forma social que se pretenda estudar. Por exemplo, se se deseja estudar o direito numa sociedade escravista, então, tomando-o como ponto de partida, no plano superestrutural, é preciso executar o primeiro e decisivo movimento, que é o da demarcação da posição materialista, em direção à base material escravista para poder apreendê-la, de acordo com o método exigido para isso, que não é o *método da crítica da Economia Política*, e em seguida deve-se voltar ao direito, agora devidamente apreendido como elemento da totalidade da sociabilidade escravista.

¹¹ Devo a esta obra a elaboração de grande parte deste segmento do artigo.

No livro *Educação brasileira: estrutura e sistema* (SAVIANI, 1973), que teve sua primeira publicação em 1973, Saviani referenda sua formulação, a do movimento *da síntese à síntese pela mediação da análise*, e sua fundamentação no referencial teórico fenomenológico, ao explicitar o procedimento a ser adotado:

Partir-se-á do fenômeno, procurando efetuar a *descrição fenomenológica* de seus elementos, o que permitirá atingir uma visão dialético-sintética do problema. *O método será*, pois, analítico-dialético, descritivo-compreensivo, “regressivo-progressivo”, ou mais precisamente, *fenomenológico-dialético* (SAVIANI, 1973, p. 29, grifos nossos).

Na introdução de outro livro de sua autoria, publicado em 1980, Saviani (1984) defende o papel da educação na passagem do senso comum à consciência filosófica, objetivando a formulação de uma concepção de mundo adequada aos interesses populares. Ao tratar do método, ele afirma que “[...] a construção do pensamento se daria, pois, da seguinte forma: *parte-se do empírico, passa-se pelo abstrato e chega-se ao concreto*” (SAVIANI, 1984, p. 11-12 - grifos nossos). Ao desenvolver seu raciocínio, o autor diz que é possível perceber “[...] com relativa facilidade que a passagem do empírico ao concreto corresponde, em termos de concepção de mundo, à passagem do senso comum à consciência filosófica (SAVIANI, 1984, p. 13).

Deve-se destacar que, neste livro, Saviani menciona que segue as indicações do texto de Marx denominado *Método da Economia Política*, e ainda assim não altera em nada o núcleo central de sua concepção de método de pesquisa e de ensino, que havia sido elaborado explicitamente com base no referencial fenomenológico, trocando apenas as palavras: do empírico (senso comum) ao concreto (consciência filosófica) pela mediação do abstrato (análise).

Em seu mais conhecido livro, intitulado *Escola e democracia* (SAVIANI, 1986), Saviani apresenta, de forma mais detalhada, o método de ensino de sua proposta pedagógica, que, posteriormente, receberá a denominação de Pedagogia Histórico-Crítica. Ali, o autor estabelece uma relação direta com o texto de Marx ao afirmar que “retira” o critério de cientificidade de seu método de ensino “[...] da concepção dialética de ciência tal como o explicitou Marx no ‘método da economia política’” (SAVIANI, 1986, p. 77) e, baseado no texto marxiano, confirma sua formulação de método: “[...] o movimento que vai da síntese (‘a visão caótica do todo’) à síntese (‘uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas’) pela mediação da análise (‘as abstrações e determinações mais simples’)” (SAVIANI, 1986, p. 77).

Saviani identifica, portanto, seus termos com as categorias de Marx, ou seja, a “síntese” com o “concreto idealizado”, a “síntese” com o “concreto pensado” e a “análise” com o exercício do método marxiano.

O método de ensino proposto por ele, que vai *da síntese à síntese pela mediação da análise*, realiza-se por meio de cinco passos: 1º. Prática social; 2º. Problematização; 3º. Instrumentalização; 4º. Catarse; e 5º. Prática social. Resumidamente, no segundo passo são identificados os principais problemas postos pela

prática social e o conhecimento que é necessário dominar, que será a matéria prima a ser trabalhada no passo seguinte. O quarto passo “[...] é o momento culminante do processo educativo, já que é aí que se realiza pela mediação da análise levada a cabo no processo de ensino, a passagem da síncrese à síntese” (SAVIANI, 1986, p. 75), que corresponde, segundo o autor, ao “concreto pensado” e que serve como base para a alteração da prática social.

A proposição de método de ensino de Saviani exerceu uma enorme influência e muitos educadores buscaram colocá-la em prática. Gasparin foi um deles, e sua experiência resultou na publicação de um livro (GASPARIN, 2002) no qual apresenta uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica. No prefácio, Saviani aprova e manifesta sua total concordância com o conteúdo desenvolvido no livro.

Para demonstrar o processo didático-pedagógico sugerido, Gasparin (2002) utiliza como exemplo alguns tópicos da unidade de conteúdo *água* de uma quinta série de Ensino Fundamental. Depois de relatar os passos do método, ele chega ao quarto, o da síntese, e afirma que o aluno deixa de ver o conteúdo como conjunto de partes dispersas e passa a vê-lo em sua totalidade. Contudo, para o autor, o processo de compreensão do conteúdo somente ocorrerá no passo seguinte, o da prática social, que deve ser modificada em relação àquela inicial. Para isso, devem ser adotadas novas atitudes práticas e propostas de ação, tais como economizar água, conhecer a empresa de tratamento de água da cidade, manter a água limpa, fechar a torneira, não jogar detritos nos rios, ler a Bíblia, entre outras.

Por sua vez, Marsiglia publica um livro (MARSIGLIA, 2011), também chancelado por Saviani, que trata da Pedagogia Histórico-Crítica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, no qual a autora descreve a aplicação do método de ensino de Saviani em três intervenções pedagógicas.

A primeira foi feita com crianças de cinco a sete anos, com duração de 68 horas, abordando a Pré-História, a Antiguidade, a Idade Média e o Renascimento. Depois de percorridos os primeiros passos, chega-se à catarse, ou seja, ao momento da síntese, materializado pelas crianças por meio de desenhos, textos coletivos e esquemas conceituais.

A segunda intervenção é concernente ao ensino de Matemática no 1º ano do Ensino Fundamental. No passo da catarse, os alunos desenharam, pela segunda vez, a história do Tatu-bola para demonstrarem seus avanços conceituais, pois representaram os conceitos “perto” e “longe” corretamente, como também o tamanho da bola modificado em cada quadro, utilizando a noção de perspectiva.

A última experiência foi referente ao ensino de Ciências no Ensino Fundamental, tendo como tema os animais. Após seguir os passos do método de Saviani, a autora conclui que houve um grande salto qualitativo na compreensão das crianças, comprovado nos textos produzidos e na visita ao zoológico.

Como se pode observar, nas três intervenções, o que Marsiglia (2011) está afirmando é que a aplicação do método de ensino de Saviani com crianças de tenra idade propiciou com que suas compreensões saíssem da síncrese, ou seja, do concreto idealizado, e atingissem o patamar da síntese, quer

dizer, do concreto pensado, cuja expressão comprobatória são seus desenhos de cavernas e de Tatu-bola, seus textos coletivos e as leituras de placas de animais no zoológico. Por seu turno, o que Gasparin (2002) argumenta é que o entendimento referente à *água* no plano do concreto pensado resulta em uma prática social alterada, na qual os alunos devem economizar água fechando a torneira e ler a Bíblia.

Se se recupera o que foi tratado nos tópicos anteriores, fica evidente que tudo isso não tem absolutamente nenhuma relação com a categoria de “concreto pensado” em Marx, já que esta significa a apreensão, no plano do pensamento, dos aspectos concernentes ao ser social do capital, que não se manifesta, em hipótese alguma, em desenhos de cavernas e de Tatu-bola, em leituras de placas de animais no zoológico, ou em uma compreensão que induza ao fechamento de torneiras ou à leitura da Bíblia. Contudo, os equívocos crassos não se restringem a essa categoria, mas, sim, abarcam suas apropriações de todo o método marxiano. Para demonstrar isso, pontuo brevemente alguns elementos de análise.

1. O método de Marx é um método de investigação e não de ensino. Em seu livro, Wihby (2019) comprova que Saviani confunde método de pesquisa, método de ensino e método de aprendizagem, formando uma espécie de amálgama entre eles e acarretando em sérias consequências, uma vez que se perdem as especificidades dessas atividades e, portanto, de seus respectivos métodos, que são radicalmente distintos¹².
2. Como vimos, o método marxiano é circunscrito a assuntos de pesquisa relativos ao ser social do capital e é inadequado para o estudo de objetos não históricos, como a água, os animais e a matemática, que foram temas usados por Gasparin (2002) e Marsiglia (2011) em seus métodos de ensino.
3. Wihby (2019) demonstra que o núcleo central do método de Saviani, “da síntese à síntese pela mediação da análise”, foi elaborado ao formular seu método dialético, no fim da década de 1960, “[...] quando fundamentava suas reflexões sobre a educação, bem como sobre a dialética, a partir da fenomenologia, da metafísica, do utopismo de Furter e do idealismo” (WIHBY, 2019, p. 97) e, por isso, não tinha nenhuma relação com o marxismo e o método de Marx. Segundo a autora,

[...] podemos afirmar que ao relacionar a referida frase - [da síntese à síntese pela mediação da análise] - ao pensamento de Marx, o que Saviani faz é nada mais nada menos do que incorporar em seu método de ensino termos do arcabouço teórico marxista, o que não significa em absoluto que o autor tenha incorporado efetivamente o arcabouço teórico marxista (WIHBY, 2019, p. 97).

4. Na fórmula de Saviani, “da síntese à síntese pela mediação da análise”, a “síntese”, confundida com a categoria de “concreto idealizado”, e a “síntese”, identificada com a categoria marxiana de “concreto pensado” são apenas o ponto de partida e o de chegada do método e não o próprio método, que, para o autor, não é outra coisa senão a “análise”. Ou seja, Saviani confunde o exercício do método de Marx com “análise”; análise, esta, genérica, indeterminada, condição para a produção de qualquer conhecimento

¹² Não é possível, dentro dos limites deste artigo, fazer uma análise mais detalhada e aprofundada dessa questão. Para isso, vide Wihby (2019).

científico com base em qualquer referencial teórico-epistemológico. Assim, a complexidade, as especificidades e a capacidade extraordinária do método marxiano para a apreensão do ser social do capital e de suas contradições, bem como de seu significado teórico-político, são assoladas.

5. Consequentemente, os cinco passos do método de ensino de Savini e da Pedagogia Histórico-Crítica (prática social – problematização – instrumentalização – catarse – prática social) não tem absolutamente nenhuma relação com o método de Marx. Este último, como visto anteriormente, possui seu primeiro movimento na demarcação materialista; prossegue para a análise da base material do capital; uma vez neste terreno, vai do “concreto idealizado” para a mercadoria; faz um *détour*; vai da mercadoria para o capital, passando, resumidamente, pelo valor, pelo dinheiro, pela força de trabalho como mercadoria e seu valor, pelas mais-valias absoluta e relativa, até desembocar no patamar do “concreto pensado”, ou seja, do capital e de suas contradições, para, por fim, retornar a seu início. Além disso, é preciso lembrar que o método de ensino de Savini não pode encontrar equiparação com o método de Marx, já que o primeiro é método de ensino e o segundo é de pesquisa.

6. Para buscar ilustrar o que foi afirmado anteriormente, poderíamos escolher qualquer um dos temas desenvolvidos por Gasparin (2002) e Marsiglia (2011), mas tomemos o exemplo da *água* como objeto de investigação e tentemos exercitar o método de Marx para poder apreendê-la em sua totalidade. O primeiro movimento é o da demarcação materialista, o que conduz à necessidade de analisar a base material da água, já que não é a consciência da água que determina seu ser, mas, ao contrário, é seu ser social como água, quer dizer, as relações sociais de produção de sua vida como água que determinam sua consciência. Na base material da água, poderíamos iniciar pelo estudo da população de um país de gotas de água, ou seja, partir do “concreto idealizado” e seguir fazendo as necessárias abstrações e, principalmente, detectar o encadeamento das múltiplas determinações até chegar à determinação mais simples, que é a mercadoria ou as relações mercantis estabelecidas pelas gotas de água. Aí começaríamos a viagem de volta e, depois de compreendermos o valor das mercadorias, cuja substância seria o trabalho *aquático* abstrato, descobriríamos que algumas gotas de água seriam proprietárias privadas dos meios de produção e outras gotas de água teriam a propriedade apenas de sua força de trabalho. As gotas de água da classe capitalista comprariam as forças de trabalho das gotas de água da classe proletária, de tal maneira que estas produziriam, além de seu próprio valor, uma mais-valia, o que caracterizaria a exploração das gotas de água capitalistas sobre as gotas de água proletárias e resultaria na produção e reprodução de capital. Toda essa caminhada permitiria apreender a sociedade *aquática* determinada pelo capital em sua totalidade, no plano do “concreto pensado”, ou seja, como síntese de múltiplas determinações e contradições. Como se vê claramente, tudo isso é um absurdo, ou seja, não tem nenhum sentido lançar mão do método marxiano para compreender a *água*.

A partir do que foi dito anteriormente, podemos inferir que Saviani e seus dois epígonos têm uma percepção sincrética do método de Marx. Tal inferência encontra guarida nas análises feitas por Lazarini (2015), que se debruçou sobre a obra do fundador da Pedagogia Histórico-Crítica, e comprovou que a apropriação de Saviani das categorias de *O Capital* de Marx se mostrou deveras débil, para não dizer equivocada. Tendo partido das questões educacionais na forma social do capital, Saviani teria feito, ao longo de sua extensa produção teórica, uma série de abstrações e análises, incorporando nelas, desde o fim dos anos 1970, muitos conceitos pretensamente marxistas. Contudo, os dois primeiros movimentos do *método de Marx*, o de ida a *O Capital*, que demarca a posição materialista, e o da apreensão de seu universo categorial e de seu método, não foram devidamente realizados por Saviani. A consequência disso é que, do ponto de vista do método marxiano, sua compreensão acerca da educação e da escola no sistema capitalista, vale dizer, sua teoria da educação, não teria atingido o patamar do “concreto pensado”, o da “rica totalidade de determinações e relações diversas”, mas, ao contrário, teria ficado num plano idealista, do “concreto idealizado”, já que ele não teria dado o primeiro passo, o da afirmação materialista, ou, então, a referida compreensão teria ficado mais ou menos próxima de “uma representação caótica do todo”, mesmo que este “todo” esteja abarrotado de conceitos supostamente marxistas.

Consequentemente, Saviani e seus dois seguidores também têm uma visão sincrética do capital e do ser social que produz sua existência neste modo de produção. Se os formuladores da Pedagogia Histórico-Crítica têm essa compreensão, seria importante indagar acerca da percepção que têm os professores para os quais essa proposta pedagógica é destinada¹³.

Por fim, adiciono uma consideração. O horizonte político apontado, implícita ou explicitamente, pelos três autores é a democracia, que é um dos principais pilares da concepção liberal. O livro no qual Saviani destrincha seu método de ensino nos cinco passos, que é seu texto mais divulgado, é intitulado de *Escola e **democracia***. Apesar de aparecerem várias menções de conceitos marxistas, seu alvo político é a democracia, como superação do que ele chama de “problema da marginalidade” (cf. SAVIANI, 1986, p. 7), seja em relação à escola, seja em relação à sociedade. Por isso, o título do livro é expressão cabal de seu conteúdo teórico e político.

Essa ilação é confirmada por Favaro (2017), que fez uma análise acurada das concepções políticas de Saviani e de outros autores da Pedagogia Histórico-Crítica, e demonstrou que, apesar do desejo pela fundamentação marxista e pela orientação socialista, suas concepções e propostas políticas referentes à sociedade, à educação e à escola não conseguiram ultrapassar as fronteiras do universo liberal e, por isso, ficaram circunscritas às bandeiras socialdemocratas.

¹³ Essa questão mereceria uma investigação específica.

O significado político do método de Marx

Mas, afinal, quais seriam as consequências de se dispensar o *método de Marx* e, portanto, *O Capital*? Buscarei responder a essa pergunta a partir de outras. Por que Marx precisou fazer a crítica do idealismo hegeliano e a crítica da Economia Política e, dessa forma, operar seu método em oposição ao método dela? Por que ele dedicou grande parte de sua vida político-intelectual, com custos altíssimos, para a apreensão da base material do sistema capitalista cujo resultado foi sistematizado em sua obra *Capital*? Penso que não foi por diletantismo e nem por capricho intelectual, mas porque isso é a condição *sine que non* para a elaboração de uma estratégia política da revolução. No fundo, e sem que isso esteja explicitado, *O Capital* é uma teoria da revolução e o *método de Marx* é o *método da revolução anticapitalista*, ou, mais especificamente, o método necessário para a apreensão do ser social do capital, que é base para a elaboração de uma estratégia revolucionária, já que a revolução não é outra coisa senão a realização plena da dialética da realidade social. Concomitantemente, é o exercício do *método de Marx* que permite fazer críticas a propostas políticas que não conduzem, de fato, à revolução.

Podemos citar, entre tantos, dois casos que evidenciam essa relação entre o método marxiano e a estratégia política: o primeiro, protagonizado por Marx no âmbito da I Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), e o segundo, concernente aos chamados socialistas utópicos, que foi tratado por Engels.

Em 1865, num momento em que estava ocorrendo uma onda grevista na Europa, Marx trava um grande debate político no interior da AIT com John Weston, membro de seu Conselho Central, sobre a questão das greves. Marx elabora um texto, denominado *Salário, preço e lucro* (MARX, 1988), e o apresenta em duas sessões do Conselho Central, nas quais expõe parcialmente o resultado de suas investigações, ou seja, suas principais teses acerca do valor, da mais-valia, do salário, do lucro, etc., categorias centrais do primeiro livro de *O Capital*; texto este que seria publicado dois anos depois, e, com esse fundamento, consegue atingir dois objetivos: fazer a crítica às proposições políticas de seu oponente, demonstrando seus problemas e, ato contínuo, apresentar as linhas gerais de uma estratégia política revolucionária anticapitalista.

O segundo caso diz respeito aos chamados socialistas utópicos, que receberam uma análise de Engels em seu clássico *Do socialismo utópico ao socialismo científico* (ENGELS, s.d.), redigido em 1877. Uma leitura atenta desse texto do dileto parceiro de Marx demonstra, claramente, que seu itinerário teórico-político não foi outra coisa senão a realização do exercício do método marxiano. Ele começa expondo as concepções e práticas políticas dos principais expoentes do socialismo do século XVIII e princípio do posterior; em seguida dá o primeiro grande passo que é o da afirmação materialista, fazendo, tal como Marx, a crítica ao idealismo hegeliano, o que o conduz, necessariamente, para o conjunto categorial exposto por Marx em *O Capital* e, finalmente, com esta base, volta para seu objeto inicial. O exercício do *método*

de Marx permitiu a Engels alcançar dois objetivos, quais sejam, a crítica radical ao socialismo anterior ao *socialismo científico*, denominado de socialismo utópico, e a seus projetos políticos, demonstrando suas debilidades e insuficiências e, por desdobramento, a elaboração de uma estratégia política de fato revolucionária, porque baseada na profunda análise da realidade do capital.

Esses dois embates teórico-políticos feitos por Marx e Engels demonstram, cabalmente, que o exercício do *método de Marx* é condição *sine qua non* para a crítica radical de propostas políticas que, por falta de fundamento, não conduzem à superação do sistema do capital e, principalmente, para a elaboração de uma estratégia política revolucionária anticapitalista.

A superação do sistema capitalista é apenas uma possibilidade histórica. Considerando essa condição, ela é produto de um processo revolucionário, que demanda a elaboração e implementação de uma estratégia revolucionária, que exige, por sua vez, um conhecimento da realidade do ser do capital. Por isso, sua possibilidade de êxito é diretamente proporcional ao conhecimento do capital e de seu modo de produção, que, embora seja condição insuficiente, é condição imprescindível. Marx tinha plena consciência disso e, por essa razão, dedicou grande parte de sua vida para nos deixar um legado teórico-político que foi construído pelo exercício de seu método. O *método de Marx*, *O Capital* e a estratégia revolucionária estão fundidos em uma única coisa: o *método materialista histórico*. Seu descarte implicaria abrir mão de qualquer possibilidade revolucionária. Significaria dizer adeus à revolução.

Referências

ENGELS, F. Do socialismo utópico ao socialismo científico. In MARX, K.; ENGELS, F. *Obras escolhidas*. Vol. 2, São Paulo: Alfa-Omega, s.d.

FAVARO, N. G. *Pedagogia histórico-crítica e sua estratégia política: fundamentos e limites*. Maceió: Coletivo Veredas, 2017.

GASPARIN, J. L. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

LAZARINI, A. Q. *Capital e educação escolar na obra de Dermeval Saviani: apontamentos críticos*. 1ª. ed, São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

MARSIGLIA, A. C. G. *A prática pedagógica histórico-crítica na Educação infantil e Ensino Fundamental*. Campinas, SP : Autores Associados, 2011.

MARX, K. O método da Economia Política. In _____ *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. (Col. Os Pensadores), São Paulo : Abril Cultural, 1974a.

_____. Prefácio de Para a crítica da Economia Política. In _____ *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. (Col. Os Pensadores), São Paulo : Abril Cultural, 1974b.

_____. Para a crítica da Economia Política. In _____ *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. (Col. Os Pensadores), São Paulo : Abril Cultural, 1974c.

_____. *O capital*. Crítica da Economia Política. Livro I. São Paulo : Abril Cultural, 1983.

_____. *Salário, preço e lucro*. 6ª. ed, São Paulo : Global, 1988.

_____. *Grundrisse*. São Paulo : Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, I. *Para além do capital*. Rumo a uma teoria da transição. São Paulo : Boitempo, 2002.

O JOVEM MARX. Título original: Le Jeune Karl Marx. Direção: Raoul Peck. Coprodução: Alemanha/França/Bélgica, 2017 (118 minutos).

SAVIANI, D. *Educação brasileira: estrutura e sistema*. 1. ed. Campina, SP: Autores Associados, 1973.

_____. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1984.

_____. *Escola e democracia*. 12ª ed., Campinas : Cortez/Autores Associados, 1986.

_____. Esboço de uma formulação de uma ideologia educacional para o Brasil. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Dermeval Saviani: pesquisador, professor e educador*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Autores Associados, 2011.

WIHBY, A. *O método de ensino da Pedagogia Histórico-Crítica: uma análise crítica*. Curitiba : CRV, 2019.